

TRAÇANDO O PERFIL VOCAL DE DOCENTES COM DISTÚRBO DE VOZ: UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO VOCAL.

Jônatas do Nascimento Alves (1); Camila Macedo Araújo de Medeiros (2)

(1) Fonoaudiólogo, mestrando em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, jonatas.alves@live.com;

(2) Fonoaudióloga, mestranda em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, medeiros.fga.camila@gmail.com;

INTRODUÇÃO

A voz representa o principal instrumento de trabalho em algumas profissões, dentre elas a profissão docente. Os professores, desta forma, usam a voz como instrumento de trabalho (SERVILHA, 1997; FUESS, 2003) e constituem um dos grupos de maior risco para o desenvolvimento de uma alteração vocal, sendo os distúrbios vocais uma das principais causas de afastamento do trabalho docente, atrás apenas dos distúrbios psíquicos. Assim, os sintomas vocais podem iniciar de forma lenta e esporádica, e se desenvolvem ao longo do tempo até se tornarem permanentes, com o consequente surgimento de lesões laríngeas (TAVARES, 2007; ASSUNÇÃO, 2009; FERREIRA *et al*, 2016).

Essas alterações vocais muitas vezes agravam-se com o uso abusivo ou mau uso da voz, problemas respiratórios ou tabagismo (PORDEUS, 1996; CHOI-CARDIM *et al*, 2010; SILVÉRIO *et al*, 2008). Também estando relacionados a condições desfavoráveis do ambiente e da organização do trabalho docente. (DRAGONE *et al*, 2010; FERREIRA *et al*, 2016). Nessa perspectiva, em razão do complexo panorama educacional brasileiro, muitos professores acabam sendo afastados – corroborando o fenômeno do absentéismo, e readaptados em seguida as suas atividades (FERREIRA *et al.*, 2003; GIANNINI, 2010; LIMA-SILVA *et al*, 2012). E em muitos casos, o professor não tem acesso à informação e prevenção sobre a saúde vocal, o que contribui para que a prevalência desses sintomas seja alta nessa categoria profissional (PORDEUS, 1996; GRILLO, 2005; CHOI-CARDIM *et al*, 2010).

Apesar da constatação da grande incidência de alterações vocais em professores, que por muitas vezes pode interferir na prática diária de transmitir os conteúdos através da voz, muitos destes profissionais ainda lecionam para um grande número de alunos por sala de aula, em condições inadequadas ou ambiente ruidoso, enfrentando uma extensa carga horária diária de trabalho, em uma infraestrutura inadequada, com desinteresse por parte dos alunos e de suas famílias, além da desvalorização profissional e baixos salários (GARCIA, 2000; HERMES, 2003; GASPARINI *et al*, 2005; FERREIRA *et al*, 2016).

Orientações sobre saúde vocal geralmente não fazem parte da formação acadêmica do docente, o que contribui para o despreparo ao enfrentar a demanda de voz na sala de aula, bem como aumentam as chances do surgimento dos sintomas vocais (exemplos: rouquidão, fadiga vocal e dor de garganta) bem como a manutenção deles. (ROY *et al*, 2004; SCHWARZ & CIELO, 2005; GIANNINI, 2015; ANDRADE *et al*, 2016)

Diante da vulnerabilidade da categoria docente no tocante aos distúrbios vocais, percebe-se a necessidade de abordar tal temática em pesquisas científicas, para contribuir na fundamentação científica dos aspectos epidemiológicos do distúrbio de voz em professores, bem como desenvolver políticas públicas e ações educadoras visando o bem-estar vocal desses indivíduos. Dessa forma, o presente estudo tem por objetivo levantar o perfil vocal de professores descrito na literatura científica no período de tempo de 2010 a 2017.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo de natureza bibliográfica com um caráter descritivo, qualitativo e transversal, formado pelas produções científicas que abordem características vocais de professores, incluindo suas principais queixas e sintomas vocais, no período correspondente de 2010 a 2017. A pesquisa foi realizada com as seguintes etapas: identificação do tema e seleção da questão de pesquisa; estabelecimento de palavras-chave e de critérios para inclusão e exclusão de estudos; definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados; interpretação dos resultados; e síntese do conhecimento. (GALVÃO, 2014)

Dessa forma, para formulação da pergunta de revisão, utilizou-se a estratégia P.V.O., em que **P** corresponde à população, contexto e/ou situação problema, **V** às variáveis e **O** ao desfecho, sendo formulada a seguinte estratégia que pode ser observada no Quadro 1.

Quadro 1 - Estratégia P.V.O. para formulação da pergunta chave.

P	Docentes.
V	Sintomas/queixas vocais; faixa etária; hábitos vocais; fatores ambientais.
O	Levantar as principais características vocais de professores

Portanto, a pergunta norteadora foi a seguinte: “Quais as características vocais que compõe o perfil de voz do professor na literatura atual no Brasil? ”.

A partir de então deu-se início as outras etapas da pesquisa. Para a seleção dos artigos, foi realizando um levantamento na literatura nacional, utilizando bases de dados, a saber: SCIELO, LILACS, PUBMED e MEDLINE, essas bases foram escolhidas por possuírem credibilidade científica, e usarem mecanismos de busca para

localização do material bibliográfico. Foram incluídos artigos publicados entre os anos de 2010 a 2017, que estivessem disponíveis na íntegra e em português. Foram selecionados os seguintes descritores: “voz”, “docente” e “distúrbio de voz”. Nos cruzamentos das palavras, foi utilizado o operador booleano “AND”, com os filtros: artigos e português em todas as bases de dados já citadas.

Inclui-se artigos com a amostra composta por docentes de um ou ambos o sexo, de qualquer nível de ensino, seja das redes pública ou particular, que apresentassem os principais sintomas vocais de sua amostra de professores. Foram excluídos, portanto aqueles que não apresentavam tais características, aqueles que não possuíam o texto na íntegra e em português na base de dados (2010 a 2017) além de conteúdos como: estudos com modelos experimentais, monografias, dissertações, teses, livros, capítulos de livros, cartas ao editor e/ou editoriais. Assim, após a análise do título, resumo, palavras-chave e dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados os artigos para a análise na íntegra. Na análise dos estudos selecionados, os dados foram extraídos de maneira padronizada: título do artigo, autores, ano de publicação, país, objetivo e amostra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As buscas realizadas nas três bases de dados eletrônicas resultaram em uma amostra de 170 trabalhos. Após a verificação dos registros duplicados, 70 foram avaliados. De acordo com os critérios de elegibilidade, foram excluídas 37 pesquisas, restando dessa forma 33 artigos selecionados para esse estudo. De forma geral, os artigos apresentam uma natureza transversal e descritiva, apresentando as principais queixas e sintomas vocais apresentados pelos professores.

Nas pesquisas encontradas, houve um predomínio de mulheres nas amostras, e em alguns casos, apenas o gênero feminino compunha a amostra. Uma possível justificativa para esses achados seria justamente a predominância feminina na população docente em geral (GRILLO & PENTEADO 2005; CHOI-CARDIM *et al*, 2010). A faixa etária mais pesquisada nos artigos elencados, era de 31 a 50 anos, com uma média de idade de 42 anos. Em relação a carga horária de trabalho, os estudos abordaram tanto profissionais com carga maior ou igual a 20 horas, como aqueles com carga horária superior chegando a no máximo 40 horas semanais. Porém a maioria dos professores trabalhavam mais de um período por dia.

De uma forma geral, os principais sintomas vocais relatados pelos professores nos artigos encontrados, foram: rouquidão, fadiga vocal, esforço ao falar, pigarro, dor na garganta, secura na garganta, coceira na garganta, garganta irritada,

queimação na garganta, sensação de bolo na garganta, falta de projeção vocal, falha na voz e perda da voz. O grande número de sintomas, pode estar relacionado com a presença de abuso vocal, isto é, o mau uso da voz e, em sua maioria, os professores não tem acesso à informação e prevenção sobre a saúde vocal, o que contribui para que a prevalência desses sintomas seja alta nessa categoria profissional. (CHOI-CARDIM *et al*, 2010; TAVARES, 2007; SILVÉRIO *et al*, 2008).

Reflete-se então que, a formação do professor geralmente não oferece orientações sobre saúde vocal, o que acaba contribuindo para o despreparo ao enfrentar a demanda de voz na docência. Muitos dos distúrbios poderiam ser evitados com pequenas mudanças de hábitos e conhecimento básico sobre o assunto, sendo alegado que os cursos de formação de professores são deficitários no currículo na questão específica da educação vocal. Tal fato favorece a presença de alterações vocais, seja por desconhecimento de medidas preventivas ou até mesmo a forma como proceder aos primeiros sinais e sintomas de alguma alteração vocal, o que pode corroborar para a manutenção do quadro da alteração vocal (SERVILHA, 1997; HERMES, 2003; ROY *et al*, 2004; SCHWARZ & CIELO, 2005; CHOI-CARDIM *et al*, 2010).

Em relação aos hábitos vocais mais frequentes encontrados entre os professores, foram gritar e/ou falar com uma intensidade mais alta em sala de aula. Além disso, percebeu-se de forma comum o hábito de fumar e consumir bebidas alcoólicas. Em alguns casos, os professores afirmaram ingerir água durante a ministração das aulas, porém não souberam ao certo a importância desse hábito para a saúde vocal.

O hábito de fumar pode ser considerado não apenas nocivo para a voz, mas a saúde de forma geral. A fumaça do cigarro agride diretamente a mucosa das pregas vocais, causando ressecamento, irritação e até mesmo inchaço, além de ser um dos principais agentes etiológicos do câncer de laringe. Beber ao menos dois litros de água ao longo do dia, é um hábito importante para a saúde vocal, pois as pregas vocais precisam estar lubrificadas para vibrarem de forma adequada, diminuindo assim o atrito entre elas (SERVILHA, 1997; HERMES, 2003; BEHLAU & PONTES, 2009; ANDRADE *et al*, 2016).

Quanto aos fatores ambientais o mais relatado pelos professores no levantamento realizado para essa pesquisa foi o ruído em sala de aula. Sabe-se que um principais fatores de risco para o desenvolvimento do distúrbio de voz é a elevação da intensidade vocal em sala de aula, e geralmente a intensidade da voz do professor se eleva de 10 a 30 dB(A) acima da intensidade dos ruídos ambientais, dessa forma o uso intensivo da

voz pode gerar sobrecarga no aparelho fonador do professor, influenciando na configuração do trato vocal e no funcionamento das pregas vocais (FERREIRA *et al*, 2003; CRANDELL *et al*, 2004; LIMA-SILVA *et al*, 2012; MENDES *et al*, 2016).

CONCLUSÃO

Nos 33 artigos elencados nessa pesquisa, os principais sintomas/queixas vocais encontradas nos professores foram: rouquidão, fadiga vocal, esforço ao falar, pigarro, dor na garganta, secura na garganta, coceira na garganta, garganta irritada, queimação na garganta, sensação de bolo na garganta, falta de projeção vocal, falha na voz e perda da voz. Diante do grande número de queixas encontradas nos professores, percebe-se a necessidade de uma atenção diferenciada a este profissional, afim de compreender a atuação do professor em suas demandas e contextos, bem como o impacto dessas questões em sua voz, seu principal instrumento de trabalho. Além de suscitar o questionamento acerca da educação vocal para os docentes.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, B.M.R et al. Relação entre a presença de sinais videolaringoscópicos sugestivos de refluxo laringofaríngeo e distúrbio de voz em professoras. **CoDAS**. São Paulo, 2016;28(3):302-310

ASSUNÇÃO, A.A; OLIVEIRA, D.A. Intensificação do trabalho e saúde dos professores **Educ. Soc.** 2009;30(107):349-72

BEHLAU, Mara; PONTES, Paulo. **Higiene Vocal: cuidando da voz**. 4. ed. Rio de. Janeiro: Revinter, 2009

CHOI-CARDIM, K; BEHLAU, M.; ZAMBON, F. Sintomas Vocais E Perfil De Professores Em Um Programa De Saúde Vocal. **Rev. CEFAC**. 2010 Set-Out; 12(5):811-819

CRANDELL, C.C; SMALDINO J.J; KREISMAN B. Classroom acoustic measurements. **Semin Hear**. 2004;25(2):189-200.

DRAGONE, M. L. S. et al. Voz do professor: uma revisão de 15 anos de contribuição fonoaudiológica. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, 2010.

FERREIRA, L. P. et al. Condições de produção vocal de professores da rede do município de São Paulo. **Distúrbios da Comunicação**, v. 14, n. 2, p. 275-308, 2003.

FERREIRA, L.P. et al. Distúrbio de voz e trabalho docente. **Rev. CEFAC**. 2016 Jul-Ago; 18(4):932-940

FUESS, V.L.R.; LORENZ M.C. Disfonia em professores do ensino municipal: prevalência e fatores de risco. **Revista Brasileira de Otorrinolaringologia**. 2003; 69(6):807-12.

GALVÃO, TF; PEREIRA, M.G. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiol. Serv Saúde**. 2014; 23(1):183-184.

GARCIA. A. Fatores associados aos desvios de conduta vocal em professores. **Revista Fono Atual**, 13:37-41, 2000.

GASPARINI, S.M; BARRETO, S.M; ASSUNÇÃO, A.A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educ. Pesqui**.2005;31(2):189-99

GIANNINI, S.P.P. et al. Teachers' voice disorders and loss of work ability: a case-control study. **J Voice**. 2015;29(2):209-17.

GIANNINI, S.P.P; LATORRE, M.R.D.O; FERREIRA, L.P. **Distúrbio de voz relacionado ao trabalho docente**: um estudo caso-controle. São Paulo. **CoDAS** 2013;25(6):566-76

GRILLO, M.H.M.M; PENTEADO, R.Z. Impacto da voz na qualidade de vida de professore(a)s do ensino fundamental. **Pró-Fono**. 2005; 17(3): 321-330

HERMES. C.E.C.; NAKAO, M. Educação vocal na formação do docente. Fonoaudiologia Brasil Científica. **Revista do Conselho Federal de Fonoaudiologia**.v.2 (3), jun 2003.

LIMA-SILVA, M.F.B et al. Distúrbio de voz em professores: autorreferência, avaliação perceptiva da voz e das pregas vocais. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**. 2012;17(4):391-7.

MENDES, A.L.F et al. Voz do professor: sintomas de desconforto do trato vocal, intensidade vocal e ruído em sala de aula. **CoDAS**. São Paulo, 2016;28(2):168-175

PORDEUS, A.M.J; PALMEIRA C.T, PINTO, V.C.V. Inquérito de prevalência de problemas da voz em professores da universidade de fortaleza. **Pró-Fono**. 1996; 8(2):15-24

ROY N et al. Voice disorders in teachers and the general population: effects on work performance, attendance, and future career choices. **J Speech Lang Hear Res**. 2004; 47(3):542-51

SCHWARZ, K; CIELO, CA. A voz e as condições de trabalho de professores de cidades pequenas do Rio Grande do Sul. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**. 2005; 10(2):83-90.

SERVILHA, E.A.M. Consciência vocal em docentes universitários. **Pró-Fono**. 1997.

SILVÉRIO, K.C.A et al. Ações em saúde vocal: proposta de melhoria do perfil vocal de professores. **Pró-Fono**, 2008

TAVARES, E.L.; MARTINS, R.H. Vocal evaluation in teachers with or without symptoms. **J Voice**. 2007;21(4):407-14;